



# II SEMANA DE PEDAGOGIA

EDUCAÇÃO, PESQUISA E ENSINO:  
CONSTRUINDO E (RE)CONSTRUINDO SABERES



CAMPUS DE  
VITÓRIA DA CONQUISTA

19 A 23 DE AGOSTO DE 2024



## EDUCAÇÃO FORA DA ESCOLA DESDE A RAIZ: Modelagens, formação e processos para pensar a educação e a educação não formal como ativismo social

Tânia Regina Braga Torreão Sá<sup>1</sup>

### Resumo

Esse trabalho traz alguns apontamentos sobre o conceito de educação formal, modelações educacionais, formação docente e, também, traz ponderações sobre os processos ou pores teleológicos que a educação não formal precipita, porque se quer chegar mais próximo do entendimento sobre os elos que tal conceito tem com o ativismo social. Para realizar esse estudo, portanto, baseamo-nos na realização de apontamentos e relatos de experiências que foram extraídas da sala de aula de uma docente que ministra o componente curricular Educação em Espaços Não Escolares desde o ano de 2018, para o 6º semestre do Curso de Pedagogia. O ano de 2018, portanto, está sendo tomado como marco temporal dessa pesquisa e a sala de aula do 6º semestre é o nosso marco espacial. Esses apontamentos e relatos de experiências colhidos a partir da prática de sala de aula, tornaram-se reveladoras de uma relação inequívoca da educação não formal com o ativismo social. As ilações trazidas aqui sugerindo que, o papel social da escola vem se transformando vertiginosamente, não se admitindo mais a existência de uma proposta de formação educacional que se inicia e se encerra exclusivamente, nessa instância.

**Palavras-chave:** Ativismo Social. Educação. Educação Não Formal.

### Introdução

Consonantes com uma visão crítico-reflexiva sobre a docência no ensino superior, vimos empreendendo esforços para construir conhecimentos que interrelacionem teoria e prática, sendo essa a razão pela qual, enquanto ministrante do componente curricular Educação em Espaços Não Escolares, para o 6º semestre do Curso de Pedagogia nos mantivemos atentos para dar início ao nosso trabalho, por onde acreditamos que ele deve realmente começar: pelo questionamento do que é educação.

Sim (!), parte-se de uma concepção bastante ampla e genérica do conceito de educação para trabalhar com o conteúdo da disciplina Educação em Espaços Não Escolares, porém, sem deixar de garantir o aprofundamento desse conceito no avançar do desenvolvimento da nossa práxis, na sala de aula. No debate inicial proposto para os alunos do 6º semestre no Curso de Pedagogia portanto, a educação *lato senso* é apresentada como ação reguladora e estimuladora do processo de desenvolvimento humano, pois independentemente, da concepção que se adote sobre tal conceito, nenhuma delas poderá

---

<sup>1</sup> Pós-Doutora em Geografia. Docente Titular. Curso de Pedagogia *Campus* Universitário de Jequié. Email: [tania.braga@uesb.edu.br](mailto:tania.braga@uesb.edu.br).

escapar de ser alcançada por essa acepção ainda que, se parta de uma visão tradicional, progressista ou crítica sobre o assunto.

Numa primeira interpretação, o termo educação tem origem latina *E-ducere* e significa conduzir (*ducere*) para fora. Ainda de acordo com o Site Ciberdúvidas da Língua Portuguesa (2024, s.p) o verbo educar provém do latim “*educare*” e significa educar, instruir, ensinar, amestrar. Há ainda quem relacione o verbete de língua latina “*Educare*” com o latim “*dux*”, isto é, aquele que conduz, que guia para fora dos pré-conceitos. Na raiz etimológica, portanto, o verbo latino “*ducere*”, quer dizer conduzir. E o problema do educar, para aquele que educa – o professor –, se encontra em saber que concepção é essa que norteia a ação pedagógica e educativa orientadora do trabalho realizado por cada um de nós.

A questão ideopolítica que tratamos aqui, portanto, é fazer ecoar dentro de nós mesmos, e dentro da mente de cada aluno que educamos, ideias sobre que ser humano queremos formar?; para que mundo?; com quais valores e propósitos?; pois, admitindo ser a educação uma ação social que se efetiva em vista de um fim ou pôr teleológico regulador e estimulador do processo de desenvolvimento humano, então, educar envolve primordialmente conscientizar sobre um conhecimento e uma ação controlada pelos agentes que produz-na, dentro da escola, ou fora dela.

Mas sobre a palavra formação, por que problematizá-la, por que trazê-la aqui? Inicialmente, uma definição. De acordo com o *Dicionário Houaiss Online de Língua Portuguesa*, a palavra formação foi registrada pela primeira vez em nosso idioma no século XIV, em Portugal. O mesmo dicionário indica que a origem de formação está no latim *formatio, -onis*, tratando-se da:

[...] ação e do efeito de formar ou de se formar (dar forma a/constituir algo ou, tratando-se de duas ou mais pessoas ou coisas, compor o todo do qual são partes). A formação também se refere ao modo como uma pessoa foi criada na sua infância e adolescência, isto é, à educação que recebeu [...]” (HOUAISS, 2009, s.p.).

Ao fim e ao cabo, a educação não pode ser dissociada de um conjunto de processos ou soma de atos educativos encadeados em função da promoção de um fim ou objetivo, o que quer dizer que, sem termos uma acepção de educação muito bem consolidada, impossível se torna avançar até a compreensão do que é educação formal e do que a educação não formal significam.

Considerando, não obstante, que a educação formal se efetiva dentro de um sistema educacional que é altamente institucionalizado, cronologicamente graduado e

hierarquicamente estruturado, e ademais, considerando que ele vai dos primeiros anos da escola, na educação infantil, até os últimos da universidade, de acordo com o que preconiza os parâmetros definidos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9394/96; e considerando mais ainda que, a educação não formal é toda atividade também, organizada, sistemática, cronologicamente graduada e hierarquicamente estruturada, porém que diferentemente da educação formal, pode ou não ser realizada fora dos marcos do sistema oficial, a fim de facilitar determinados tipos de aprendizagem oferecida a subgrupos específicos da população, tanto de adultos como de crianças, o que esse trabalho quer apresentar é o debate sobre modelagens educacionais, formação docente e processos para pensar a educação e a educação não formal como ativismo social.

### **Modelações, formação e processos: a quem esses modelos “bem educados” respondem?**

Para início de conversa, não há novidade alguma naquilo que mencionamos nesse tópico, até porque já houve quem explicasse a pergunta apresentada no desenvolvimento desse trabalho de forma a provocar mudanças de paradigmas significativas na educação e, esse nome é o do professor Louis Althusser (1918 – 1990), quando se refere aos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE's) e Aparelhos Repressivos de Estado (ARE's). O livro *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, aliás, foi publicado pela primeira vez no ano de 1970 e desde lá, provocou uma verdadeira revolução na educação em nível mundial.

Para Althusser as escolas, as famílias, as igrejas, o sistema judiciário, os sindicatos de classe, os partidos políticos, as mídias seriam AIE's, instâncias que se expressam através da ideologia, enquanto os ARE's são representados pelo Governo, a administração pública, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões, instituições que se expressam através do uso da violência.

Althusser (1970) explica que um e outro conceitos, apesar de seus pores teleológicos diferenciados, guardam entre si, uma profunda identificação. E por essa admissão de natureza epistemológica, por meio da leitura do texto *althusseriano* poder-se-á aprofundar o debate acerca das modelagens, dos processos e da formação humana para refletirmos melhor acerca do papel social da educação *lato senso* e da educação não formal, também.

Não obstante, o que se está afirmando aqui é que o aprofundamento de estudos, tanto dos AIE's quanto as ARE's tem desafiado os educadores a encarar o fato que, por mais rasgos de conservadorismo que sejam detectados dentro de tais aparelhos, por mais rígida que

seja a estruturação ideológica do sistema escolar, o ativismo social pode se precipitar sobre esse espaço, forjando a partir dele, processos críticos, humanos e emancipadores do sujeito.

Esse é certamente um relato pessoal e não poderia ser de outra forma, pois, trata-se da exposição da experiência de trabalho de uma professora que tem conduzido a sua *práxis* guiada pelo objetivo de forjar conscientização sobre a participação social de quem ela ajuda a formar, seus alunos. Um trabalho que concretamente, foi capaz de conscientizar sobre a doação de absorventes para estudantes da UESB; que foi capaz de conscientizar sobre a necessidade de sinalizar um corredor do Módulo Manoel Sarmiento em alto relevo e *braille* para ajudar aos alunos cegos; e que foi capaz de construir móveis de *pallet* para acomodar as pessoas que ficavam no chão, nos intervalos de aula da UESB. Tudo isso, acontecendo graças a articulação

Ademais, esse relato de experiência é personalíssimo porque, temos claro que as concepções sobre a prática mudam de docente para docente e, assim sendo, quando conseguimos implantar equipes de alunos do Curso de Pedagogia em locais como o antigo Hospital da Criança do Hospital Geral Prado Valadares; no Centro de Equoterapia do 19º Batalhão da Polícia Militar; no CAPS II – Centro Atenção Psicossocial Guito Guigó; no Abrigo de Idosos Leur Brito para desenvolver as suas propostas intervencionistas, foi animador acompanhar a progressão do interesse dos alunos pela área da Educação Não Formal, mas, infelizmente, trata-se de progressão de interesse que ainda não foi confirmada, porque, em nossa região não existem pedagogos trabalhando com educação não formal: no hospital, no posto de saúde, na fábrica, etc.

No mundo do trabalho da educação não formal, aliás, não há um campo estabelecido de atuação profissional, faz-se oportuno deixar claro. O que há concretamente falando, é o que está legislado na LDBN e no Estatuto da Criança e Adolescente sobre Educação Não Formal sobre o assunto

E por que pensar na educação fora da escola e desde a raiz como luta? Por que trazer à tona o debate sobre modelagens, formação e processos para pensar a educação e a educação não formal como ativismo social?. Primeiro, porque é preciso admitir que a escola sozinha, nunca foi capaz de dar conta do processo de educar, ainda mais em tempos contemporâneos, quando o educador social ‘veste os trajes’ de um produtor de cultura.

Para que esse educador(a) social portanto, ‘vista’ tais trajes, ele deve assumir um papel ativo, propositivo e interativo com a sua *práxis*, desafiando o grupo que coordena para a descoberta de novos contextos, e como temos algumas experiências no esforço de estudar e

construir modelagens, oferecer formação e estimular processos para pensar a educação e a educação não formal como ativismo social, vimos apresentar essa nossa experiência ministrando o componente curricular Educação em Espaços Não Escolares como modo de promover o diálogo tematizado pelos educadores sociais que deve ser considerado em nossa acepção, como fio condutor da formação cidadã, como algo que emerge da realidade.

O educador social – que pode ser o professor, como eu, como os alunos –, outrossim, deve elaborar o diagnóstico do problema e suas necessidades; deve elaborar preliminarmente uma proposta de trabalho, coerente com a formação cidadã; e, ademais, ele precisa desenvolver e complementar o processo de participação de um grupo ou toda a comunidade num dado território, a fim de ver implantada a proposta, posto que, o aprendizado do educador social se dá numa via de mão dupla: ele ensina, ao mesmo tempo em que também, aprende. O diálogo é o meio de comunicação, mais eficaz desse educador, mas a sensibilidade para captar a cultura local, deve ser considerado como algo primordial, também.

### **Considerações Finais**

Educar desde a raiz, seja dentro da escola ou fora dela, por isso mesmo, deve se prestar para forjar modelagens e processos educacionais menos rígidos, para pensar a educação e a educação não formal como ativismo social, posto que, concordando com Freire (1997, p.55) “[..] onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente [...]” (FREIRE, 1997, p. 55). A educação crítica considera os homens como seres inacabados, incompletos, em uma realidade igualmente.

### **Referências**

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. São Paulo: Martins Fontes, 1970

AS ACEPÇÕES DA PALAVRAS EDUCAÇÃO. **Ciberdúvidas da Língua Portuguesa**. Lisboa, Portugal: 01 set. 2024. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/quem-somos/contactos/937>.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

DICIONÁRIO HOUAISS DE LÍNGUA PORTUGUESA. **Significado de Educação**. Dicionário Online de Português, Rio de Janeiro, RJ: 02 de ago. 2009. Disponível: <https://www.dicio.com.br/educacao/>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.